

Índice

Prefácio	7
Os Espaços em Branco	
CAPÍTULO I — Lopo e Martinho	13
CAPÍTULO II — As Tágides	45
CAPÍTULO III — Um Querer Bruto e Fero	79
CAPÍTULO IV — A Adoração dos Magos	113
CAPÍTULO V — Entreacto	145
CAPÍTULO VI — Horror	179
CAPÍTULO VII — Mãos-Rotas e Unhas-de-Fome	213
CAPÍTULO VIII — <i>Negros, Negreiros</i> e Padrinhos	241
CAPÍTULO IX — As Fontes	275

CAPÍTULO I

Lopo e Martinho

Há coisas que devem ser ditas mas que não modificam nada as razões de cada uma. Uma delas são os factores de risco que correspondem à aceitação ou à repulsa com que um membro duma sociedade é marcado. A suspeita que pesou sobre Camila, de estar envolvida nalguma coisa obscura, impediu a sua permanência na cidade. A cidade era um casulo de prestações de serviços, de confiança entre famílias, de encobrimentos e pactos mas que tinham limites que escapavam à própria confiança. Não se falava dos delitos profundos de cada um mas também não se ignoravam. Camila e o marido compreenderam depressa que continuar no Porto era arriscar um sem-número de humilhações e que algumas portas se iam fechar para eles. O Porto reagia como uma sinagoga aos seus fiéis: não os excomungava mas deixava-os um pouco à deriva nas suas cogitações de consciência. Camila disse que não reconhecia em ninguém o direito de a julgar; o marido foi menos opinioso mas teve o avô dele para o aconselhar.

— Estás em boa idade para mudar tudo na tua vida. Casaste e tens dois filhos, as coisas são o que são, é melhor que desapareças daqui. Vai para Lisboa e faz carreira lá. Tens boa figura e Camila dá bons jantares, com talheres de prata e tudo isso. Há quem comece de muito menos. Eu ajudo-te no que puder, a clientela não te faltará.

Disse e ficou dito. Não se tratava dum romance dum rapaz pobre. Raul Almeida ia com garantias que excediam as expectativas de qualquer um e depressa se adaptou à ideia de ser na capital não um

adventício mas alguém de pleno direito. Não fez um fato de Verão de algodão bege, como os pequenos burocratas da política que vão para a cidade tentar uma fortuna ansiada. Era um rapaz elegante, com uma boa cultura de jurista e algumas citações que não iam além dos clássicos, pouca coisa mas que, dito a propósito, fazia boa impressão.

As coisas foram-se arrastando até que o avô morreu, único suporte que fazia do nome Almeida um guarda-chuva para todas as tempestades. Mas durante o enterro Raul pôde sentir a frieza incómoda dos que eram afinal gente do culto da família Almeida e que olhava Camila como uma estranha. De resto, as mulheres punham muito da sua lavra naquela falta de recomendação, como se se tratasse duma criada a contratar ou, simplesmente, a evitar em casa. Camila era demasiado bonita para ser santa, isso não lhes tiravam da cabeça. A ideia de saírem do Porto ganhou corpo e deitaram contas ao património, que era avultado. O Salto da Senhora valia bem um salto no escuro como era a mudança de hábitos, relações e novos compromissos. Vendeu-se a propriedade, procurou-se outro destino; entretanto nascera outra criança e o matrimónio parecia sólido sobretudo naquela vibração de interesses novos que favorecia a aliança do casal. Amavam-se mais ou, pelo menos, estavam persuadidos de que as suas afinidades se fortaleciam. Camila pensava muito em José Luciano, como quando ele era em rapaz e achava que o filho mais novo se parecia com ele. Isto enternecia-a até às lágrimas, sobretudo quando sentia desprender-se dos lugares de nascimento e das suas recordações. Era uma questão de hormonas, mas a poesia também tem que ver com isso. De repente ela pôs-se a detestar o Porto, com exclusão dos Roper que ela tinha amado com um sentimento de gratidão porque eles a protegiam. Não se sabe até que ponto, porque, para eles, os homens eram mais poderosos, mereciam respeito por uma espécie de invulnerabilidade. Mas o Roper tinha por ela um carinho fútil como o que se tem por um animal de estimação. Seria só isso? Camila pôs na balança os bons momentos que passara com os Roper e admitiu que eles eram positivamente indeléveis na sua memória. Isto quer dizer que certas pessoas que não nos agradam totalmente em vida podem constituir uma boa companhia depois de mortas porque são *intermináveis*.

Restava descobrir morada em Lisboa e, como Camila rejeitava sistematicamente tudo quanto lhe apresentavam, não parecia fácil satisfazê-la nem chegar verdadeiramente a uma solução. Por fim mostraram-lhe uma casa quase modesta, com um terraço envidraçado e que tinha como encargo um casal de velhos que moravam no andar térreo. Era preciso deixá-los lá até que morressem, o que parecia um bocado macabro. Mas o lugar era extraordinário, com o mar do outro lado da estrada, simplesmente arrebatador. Ela disse que não podia querer outra coisa. Parecia enfeitiçada ou coisa assim.

— Já pensou — disse Raul — que se houver um maremoto nós não temos salvação?

— Um maremoto? Está a brincar.

— Como o que houve quando do terramoto de 1755. Lisboa tem grandes probabilidades. Lembra-me duma amiga da minha mãe que não saía de casa sem recomendar às crianças: «Meninos, se houver um terramoto corram para os vãos das janelas.» Dizia sempre isso.

Estas conversas pareciam decorrer numa perspectiva de teatro; moviam-se como se estivessem num palco e manifestavam um pelo outro aqueles sentimentos muito *british* que não envolvem senão uma afinação de classe. Gozavam duma intimidade que parecia não chegar a pormenores vulgares. Numa coisa Camila estava completamente convencida: não abdicava da casa à beira-mar, com velhos e tudo no andar de baixo.

Mudaram-se num Outono frio, no Porto chovia e foi preciso carregar os móveis como se fossem pacotes de rebuçados, metidos em papel celofane. Houve alguns desastres e Camila aproveitou para dizer o que a mãe dela dizia sempre: «Três mudanças de casa correspondem a um terramoto.» Afinal sempre se tiram memórias quando menos se espera, por efeito de coisas soltas e sem significado. Ela vestia um velho impermeável muito comprido e estava sempre a tropeçar nele e no cinto que pendia dos lados. Os filhos, de dez e cinco anos, estavam amuados e pareciam ter perdido o gosto pela vida. Não gostavam de mudar e de ver os velhos brinquedos atirados ao lixo. Tentavam salvar o que podiam.

— Isto não, isto não — gritava Martinho, agarrado ao seu Homem-Aranha de que não restava senão um tronco sem cabeça. Martinho era um rapazinho precoce, meio desajeitado e com ar de mes-

tre-escola, atento e concentrado. Era bonito, apesar das orelhas grandes que ele às vezes colava com adesivo só para ver o efeito. O irmão gostava dessas peripécias no quarto onde dormiam ambos.

— Agora vão ter um quarto para cada um — disse Camila. Mas não conseguiu animar os filhos, que se mostravam surdos e sem esperança. Lopo disse que ia voltar para o Porto, logo que a mãe se deitasse. Era quase tão alto como o irmão que, de facto, não tinha crescido muito. Sofria realmente com a separação da casa e dos cantos que ele amava, até os vidros partidos na velha estufa do jardim do avô.

— Quando vamos ter um avô novo? — disse ele. E Camila respondeu qualquer coisa como: «Vamos a ver», o que não a comprometia a nada. Pensava ela. Era cruel para as crianças terem perdido o avô Almeida e ao mesmo tempo serem afastadas dos queridos medos que lhes aqueciam o coração. Os medos estavam nos sítios e nas pessoas conhecidas e vividas em todos os dias das suas pequenas vidas. Os serralheiros, escuros da limalha do ferro, trabalhavam diante das portas abertas da oficina. Eram vulcanos, como o pai lhes chamava, dizendo que tinham um sinal prodigioso na pele; ouvia-se o zumbido das máquinas que cortavam o metal. Lopo tinha medo dos vulcanos, e o irmão ajudava-o a passar diante da oficina.

— Vamos devagar, não corras.

Mas Lopo corria logo que se via a salvo das portas escancaradas. Era escuro lá dentro, escuro como os lugares mais tristes do jardim do velho Almeida. Era um jardim «à Porto», com muitas japoneiras que floriam, segundo as espécies, de Setembro até ao outro Setembro, tudo de seguida, como se fizessem a maratona da floração. O pai dizia, porque o avô o dizia antes dele:

— Vejam, acabam de apanhar a estafeta segunda.

Havia medos no jardim. O pequeno Lopo apreciava esses medos com toda a sua coragem de cinco anos. Mas era preciso que o irmão estivesse ao pé e lhe desse a mão para atravessarem o bosque dos brincos-de-princesa ou a alameda das tílias. Era um estradão em forma de U onde podia andar um automóvel à vontade. E, no centro, um *court* de ténis que mais tarde se transformou em horta com algumas raridades como a salsa frisada e a alface de Inverno de coração branco como a neve.

Os medos estavam por toda a parte. No silêncio do fim da tarde, sobretudo. Ouvia-se, de repente, o grito duma ave, como se tivesse perdido o rumo do ninho. E os gatos recém-nascidos que o jardineiro se encarregava de afogar. Miavam tão alto que parecia horrível aquele mio saído do pequeno corpo. E um crepitar constante, como se os passos de alguém pisassem os gravetos caídos e parassem de repente. Lopo sentia a garganta fechar-se. Porque era que o irmão não estava sempre ali, a dar-lhe a mão, a falar com ele de modo um pouco seco mas reconfortante? Acontecia que Martinho aprendia coisas, leitura e gramática. Sabia a tabuada dos nove como ninguém, estudava tudo o que lhe mandavam com extraordinária aplicação. Tinha em todos os cantos do quarto livros de ficção científica e não apenas as aventuras de feiticeiros e exploradores da *jungle*. A mãe prometia dar-lhe um quarto maior, só para ele, o que preocupava Lopo.

— Tenho que dormir sozinho?

— Os quartos são pegados, vais gostar.

Lopo tinha a impressão de que não ia gostar. Queria partilhar tudo com o irmão, e agora estava perto de acontecer a separação, uma horrível vida de irmão sem companhia e pequenos resmungos de sono, felizes no aconchego da noite que desfrutavam juntos. Os ruídos, a chuva na janela, o cheiro dos medicamentos de quando um deles estava doente; o riso despreocupado de Martinho quando o irmão se sobressaltava se lhe eram receitadas injeções.

— Olha o maricas! Não podes com uma gata pelo rabo.

Lopo estranhava que ele dissesse *gata*. Porquê? Um gato podia ser mais assanhado e era uma verdadeira proeza agarrá-lo pela cauda. Fazia parte dos treinos dos comandos estripar gatos e arrancar-lhes os olhos. Era preciso uma coragem assassina, era a prova de que se dominava qualquer sentimento contrário à sobrevivência. Mas Lopo não estava a par dessas coisas aterradoras. Ainda tomava o leite no colo de Camila, fingindo-se distraído para a impacientar.

— Anda, que tenho que fazer. Não sejas teimoso.

Ele gostava de desfrutar a sua teimosia, punha-se a contar as borlas dos estores, deitava a cabeça para trás e ficava quieto, como morto, feliz por arreliar a mãe que suspirava de cansaço, a pensar nas suas tarefas, saídas, pequenas artes da ociosidade. Ela trouxera da educação de província aquele aproveitar dum tempo vazio e a